

O MONTE, O CETRO E O CORAÇÃO: Um estudo bíblico de Sl 125.

THE MOUNTAIN, THE SCEPTER AND THE HEART: A biblical study of Ps 125.

José Ancelmo Santos Dantas

<https://lattes.cnpq.br/9340615501908717>

RESUMO

Considerado um poema lírico, o Salmo 125 pertence à família dos hinos de peregrinação. Suas quarenta e três palavras, dispostas em forma de versos, despertam no ouvinte/leitor a percepção contida nesse hino. Uma informação presente no título (v. 1a) indica a natureza do poema, sendo seguida pela primeira parte dele (vv. 1b-2b). Em seguida, apresenta-se a segunda parte do poema (vv. 3a-b), enquanto a terceira e última parte encontra-se nos versículos 4a-5b. Além disso, três palavras parecem constituir a espinha dorsal da temática envolvida no cântico: “Sião (צִיּוֹן)” (v. 1b), “cetro (שֵׁבֶט)” (v. 3a) e “coração (לֵב)” (v. 4b). Com isso, é possível imaginar que, em um único cântico, estejam relacionados: natureza, governo e comportamento humano — elementos sem os quais o ser humano de ontem e de hoje, peregrino e romeiro, se orienta na busca por encontrar-se com o Senhor, Deus de Israel.

Palavras-chave: Teologia do Salmo 125. Segurança espiritual. Poesia Hebraica. Temor ao Senhor. Promessas de Deus.

ABSTRACT

Considered a lyric poem, Psalm 125 belongs to the family of pilgrimage hymns. Its forty-three words, arranged in the form of verses, awaken in the listener/reader the perception contained in this hymn. Information present in the title (v. 1a) indicates the nature of the poem, followed by the first part of it (vv. 1b-2b). Next, the second part of the poem is presented (vv. 3a-b), while the third and final part is found in verses 4a-5b. Furthermore, three words seem to constitute the backbone of the theme involved in the song: “Zion (צִיּוֹן)” (v. 1b), “scepter (שֵׁבֶט)” (v. 3a) and “heart (לֵב)” (v. 4b).

With this, it is possible to imagine that, in a single song, the following are related: nature, government and human behavior — elements without which the human being of yesterday and today, pilgrims and pilgrims, finds their way in the search to meet the Lord, God of Israel.

Keywords: Theology of Psalm 125. Spiritual security. Hebrew Poetry. Fear of the Lord. Promises of God.

INTRODUÇÃO

As unidades literárias presentes no Sl 125, o tornam um texto “sapiencial”, cujo estilo é de “ensino” e “adestramento”(SEYBOLD, 2007). Frente aos interlocutores dele constitui-se como uma prece de “confiança a Deus”(WEISER, 1997) . Tal pedido nasceu provavelmente em períodos, nos quais Israel sentiu-se ameaçado, e até perdeu o que lhe era valioso, por exemplo, a terra (Js 18 – 21)¹. O tom coletivo descrito em (v. 1b) — “os que confiam no SENHOR são como o monte Sião (כְּהַר־צִיּוֹן בְּיְהוָה הַבְּטָחִים)” — perpassa, silenciosamente, todo o poema, dando-lhe ritmo e esperança. Na certeza de que a dureza vigente nos “corações (בְּלִבּוֹתָם)” (v. 4b) não causará, em Israel, relativa rebeldia, a ponto de “cada um fazer o que lhe parece correto” (Jz 21,25).

Por isso, “os justos não estendam também suas mãos à iniquidade (בְּעוֹלָתָהּ יְדִיָּהֶם לֹא־יִשְׁלְחוּ) (הַצַּדִּיקִים)” (v. 3b). Eis uma possível janela cujo acesso permite ao ouvinte/leitor perfurar o núcleo do Sl 125: poema lírico pequeno, mas robusto e dinâmico. Com apenas quarenta e três palavras escritas, originalmente em hebraico, vislumbra-se o comportamento daqueles que colocam a sua confiança junto ao Senhor, Deus de Israel.

Mais ainda: é um poema lírico, portanto, um ensaio poético. Levando em consideração que todas as apostas feitas outrora, do ponto de vista histórico, fracassaram — quer o sistema de poder, isto é, a monarquia; quer o sistema religioso, o templo; e/ou o sistema tribal, a divisão das terras.

¹Interpretação semelhante descreve a tradução da Bíblia da editora Paulinas. Ver em: *A Bíblia Sagrada*. Edição atualizada. São Paulo: Paulinas, 2024.

Restou a Israel acreditar e desenvolver a sua fé no Senhor, olhando e creditando no ser humano, “peregrino” e “imigrante”². Ao imaginar inícios modelares, descrevendo personagens paradigmáticas, a fé israelita ganhou espessura e densidade por meio da literatura. Sl 125 é um exemplo típico, ao dizer e/ou cantar que: “os que confiam no SENHOR são como monte Sião (הַבְּטָחִים בִּיהוָה כְּהַר־צִיּוֹן)” (v. 1b). Ora, ao que parece, a “solidez” de quem crê assemelha-se a “firmeza”³ do monte em questão. Se este último, em hipótese alguma pode vacilar, o mesmo se dá, junto aos que depositam sua fé no Senhor.

Apresentação do poema

Visando a uma melhor compreensão junto ao poema lírico em Sl 125, segue o texto. No lado esquerdo da tabela, o ouvinte/leitor poderá acessar a língua em que o poema foi escrito originalmente, a saber, a língua hebraica. No meio da tabela, há os versículos organizados por meio de versos e/ou linhas. E, por fim, no lado direito, tem-se uma tradução para a língua portuguesa.

Com essa sistemática, crê-se que o interlocutor possuirá maiores acessos e, consequentemente, maior possibilidade de compreensão junto ao poema lírico em análise. Robusta parte do estudo, pretende deixar que Sl 125 – ele mesmo – fale aos seus ouvintes/leitores. Escutemo-lo!

Tabela 1. Apresentação do Poema

Hebraico	Versículo	Português
שִׁיר הַמַּעֲלוֹת	(v. 1a)	Cântico das subidas ⁴ .
הַבְּטָחִים בִּיהוָה כְּהַר־צִיּוֹן בִּיהוָה	(v. 1b)	os que confiam no SENHOR são como o monte ⁵ Sião:
לֹא־יִמּוּט יָשֵׁב לְעוֹלָם :	(v. 1c)	não vacila, permanece para sempre!

² Neste caso, Abraão é descrito como modelo e paradigma para os inícios de Israel. Ao seu lado há a descrição de um pequeno grupo, membros de sua família, conforme (Gn 12,1s). Apostar em Abraão é imaginar inícios fortes, valentes e que, nem o tempo, nem o poder foram capazes de destruir. Cf.: SKA, Jean-Louis. *O canteiro do Pentateuco*. Editora: Paulinas, 1 edição, 2016, p. 94-102.

³ Cf.: WEISER, Artur. *Os Salmos*. Português. São Paulo: Editora Paulus, 1997. p. 590.

⁴ A respeito da titulação do hino poético, ver estudo publicado em: SANTOS DANTAS, J. A. (2024). *No limiar da esperança! Um estudo bíblico de Sl 130*. Revista Encontros Teológicos, 39(1). <https://doi.org/10.46525/ret.v39i1.1864>. Disponível em <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1864>.

⁵ Há um estudo de nossa autoria sobre Sl 121 que ilustra uma concordância técnica e temática acerca deste tema: Cf.: SANTOS DANTAS, J. A. (2024). *Nos montes está o Senhor! Um estudo Bíblico-Teológico de Sl 121* - Revista Unifaló Em Pesquisa. No prelo.

יְרוּשָׁלַם הָרִים לָהּ סָבִיב	(v. 2a)	Jerusalém, os montes a envolvem,
וַיְהִי הָרִים סָבִיב לְעַמּוֹ מֵעַתָּה וְעַד-עוֹלָם:	(v. 2b)	O SENHOR envolve o seu povo desde agora e para sempre!
לֹא יָנוּחַ שִׁבְט הַרְשָׁע עַל גֹּרֵל הַצְדִּיקִים כִּי	(v. 3a)	Porque não pesará o cetro do ímpio sobre o quinhão dos justos,
לֹא יִשְׁלַחוּ הַצְדִּיקִים בְּעוֹלָתָהּ יְדֵיהֶם: לְמַעַן	(v. 3b)	Para que não estendam também os justos à iniquidade, suas mãos!
הֵיטִיבָהּ יְהוָה לְטוֹבִים	(v. 4a)	Faze o bem, SENHOR, aos bons
וְלִישָׂרִים בְּלִבּוֹתָם:	(v. 4b)	e aos retos em seus corações!
וְהַמְטִים עַקְלָקְלוֹתָם	(v. 5a)	E aqueles que se desviam por trilhas tortuosas,
יְהוָה יוֹלִיכֵם אֶת-פְּעָלֵי הָאָוֶן	(v. 5b)	que o SENHOR os expulse com os malfeitores.
שְׁלוֹם עַל-יִשְׂרָאֵל:	(v. 5c)	Paz sobre Israel!

Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

Sl 125 pertence à família dos chamados Salmos de Peregrinação. Estes totalizam quinze poemas líricos: (Sl 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133 e 134). Por quatro vezes, o tetragrama sagrado é descrito conforme os (vv. 1b, 2b, 4a, 5b).

Em princípio, é acomodado dentro de uma imagem metafórica, ao comparar a confiança dos que “confiam no SENHOR (בְּיְהוָה הַבְּטָחִים)” (v. 1b) com a robustez e a firmeza do “monte Sião (בְּהַר-צִיּוֹן)” (v. 1b). Em seguida, o tetragrama sagrado aparece em v. 2b, lembrando o *modus operandi* de Deus cuidar do povo que nele crê. Já em v. 4a, ao descrever o nome do Senhor, tem-se a seguinte oração⁶: “faze o bem, SENHOR, aos bons (לְטוֹבִים יְהוָה הֵיטִיבָהּ)”. E, por fim, o nome divino é lembrado em v. 5b, descrevendo o efeito na vida daqueles cuja causa fora: excluírem-se da comunidade. Estes devem ser considerados “malfeitores (אָוֶן)” (v. 5b).

⁶Seja visto como os autores compreenderam o axioma lírico presente em v. 4a. Ross o descreveu como “intercessão”. Cf.: ROSS, Allen P. *A commentary on The Psalms – vol. 3 (90-150)*. Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505.2016, p. 602. Weiser como “petição”: Cf.: WEISER, Artur. *Os Salmos*. Português. São Paulo: Editora Paulus, 1997.p.591. Schökel e Carniti o intitulou como “petição” que sublinha o “princípio da retribuição”: Cf.: SCHOKEL, L.A. CARNITI, C. *Salmos II – (Salmos 75 a 150)*. Coleção: Grande Comentário Bíblico. Paulus Editora. 2ª edição. 2021. p. 1489). Bortolini concebeu como “súplica”. Cf.: BORTOLINI, [Padre José](#). *Conhecer e Rezar os Salmos- Comentário popular para nossos dias*. Paulus Editora. 2000. p. 521. E, Stadelmann como um “pedido duplo”. Cf.: STADELMANN, Luís I. J. *Os Salmos da Bíblia*. São Paulo: Loyola & Paulinas, 2015. p. 608.

Diante disso, o interlocutor, junto ao Sl 125, cultiva a impressão de que o fiel pode estar certo e convicto: se os “montes (הָרִים)” (v. 2a) – no entorno da cidade de “Jerusalém (יְרוּשָׁלַיִם)” (v. 2a) – são seguros e trazem a esta última segurança e proteção, semelhantemente ocorre com o peregrino que crê no Senhor, Deus de Israel. Este último o defenderá!

Mais ainda, em Sl 125, quem canta e/ou reza, liricamente, utiliza-se da imagem de uma cidade (v. 2a), cuja arquitetura é cercada por “montes (הָרִים)” (v. 2a). Dentre eles, destaca-se o “monte Sião (בְּהַר-צִיּוֹן)” (v. 1b).

A seguir, declina o seu cântico, mudando a temática dele, ao poetizar sobre o “cetro (שֵׁבֶט)” (v. 3a), tocando, finalmente, o centro da decisão do ser humano, isto é, o “coração (לֵב)” (v. 4b). Sl 125, portanto, contém instrumentais que o peregrino necessita a fim de levar a termo o caminho dele.

Sião⁷

Ao que parece, os ânimos precisavam ser restaurados, a confiança devolvida e o sentimento de fé, a modo de pertença, restituído. Como resgatar faculdades tão nobres, frente a uma cidade de passado glorioso, mas que enfrentara destruições e êxodos? Sião precisa ser novamente cantada, afinal de contas ela possui razões para tal. Jerusalém está envolvida por montes, sobretudo no lado norte dela. E aí alocado encontra-se o monte de Deus, isto é, “o monte Sião (בְּהַר-צִיּוֹן)” (v. 1b).

Cantado por trinta e oito vezes dentre os cento e cinquenta Salmos, “o monte Sião (בְּהַר-צִיּוֹן)”, semanticamente é descrito como um substantivo masculino singular, no caso do construto, e está sendo acompanhado por um artigo definido conforme (Sl 125,1b). Todavia, tematicamente, ganha espessura hermenêutica, pelo fato de se cultivar intacta na memória do povo a tradição

⁷“Sião (צִיּוֹן)” é originalmente o nome próprio da colina de acrópole de “Jerusalém (יְרוּשָׁלַיִם)” conquistada por “Davi (דָּוִד)” (2Sm 5,6s). Após isso, essa parte de Jerusalém foi chamada por “cidade de Davi (עִיר דָּוִד)” (2Sm 5,9), onde ficavam os túmulos dos reis. Posteriormente, o nome de Sião tornou-se a designação de toda a cidade de Jerusalém, bem como, tornou o nome da colina do Templo. Uma vez, chegando ao patamar da geográfica local, atraiu múltiplos conceitos teológicos com tração escatológica. Cf.: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian. *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2011. p. 432-434.

profética que diz: “eis que assento uma pedra fundamental em Sião, uma pedra resistente, uma angular valiosa do fundamento assentado; quem crer não fará apressar” (Is 28,16).

Nos Salmos, quem canta ou reza, tem consciência viva de que o “Senhor (יהוה)” consagrou o “rei (מֶלֶךְ)” dele “sobre Sião (עַל-צִיּוֹן)” (Sl 2,6), “monte da santidade (הַר-קֹדֶשׁ)” e lugar “construído (בְּנֵה)” (Sl 102,17) por ele. O “monte Sião (הַר-צִיּוֹן)” (Sl 74,2) foi o lugar “escolhido (בַּחֵר)” pelo “SENHOR (יהוה)” (Sl 132,13) para “habitar (מְעֹנֶה)” (Sl 76,3). Aliás, “de Sião (וּלְצִיּוֹן)” (Sl 87,5), porém, se diz: nasceu nela “homem por homem (וְאִישׁ אִישׁ)” (Sl 87,5). Daí a ideia de que: o “SENHOR (יהוה) seja “de Sião (מִצִּיּוֹן)” (Sl 135,21), pois aí, ele “se assentou (שָׁב)” (Sl 9,12; 132,13). Eis o lugar que “ele amou (אָהַב)” (Sl 78,68; 87,2), de “elevação (נוֹף)”, “bela (יָפֵה)” (Sl 48,3) e o tornou a “cidadela (קְרִיַת)” do “rei superior (רַב מֶלֶךְ רַב)” (Sl 48,3). Seu “vértice do norte (יַרְכְּתֵי)” encontra-se, exatamente aí, neste local. Isto é, no “monte Sião (הַר-צִיּוֹן)” (Sl 48,3).

Além disso, o resgate vivo de traços tão peculiares permitiu a literatura lírica imaginar: as portas da “filha de Sião (בַּת-צִיּוֹן)” (Sl 9,15), o “cativeiro de Sião (אֶת-שִׁיבַת צִיּוֹן)” (Sl 126,1), a extensão do “cajado (מִטָּה)” da força do Senhor, “desde Sião (מִצִּיּוֹן)” (Sl 110,2) e, por fim, o “orvalho do Hermon (כְּטֶל-הַרְמוֹן)” (Sl 133,3) descendo ladeira abaixo e, com isso, trazendo “alegria (שִׂמְחָה)” aos “montes de Sião (עַל-הַרְרֵי צִיּוֹן)” (Sl 48,12; 133,3). Isso leva ao ouvinte/leitor a compreender que: este habitat tem de ser “cercado (סָבַב)” (Sl 48,13) no sentido de protegido, amparado e possuído. Porque em “Sião (צִיּוֹן)” (Sl 48,13) os habitantes dela, devem também “contar suas torres (סָפְרוּ מִגְדְּלֶיהָ)” (Sl 48,13) e inclusive, “circuncidá-la (וְהִקְפּוּהָ)” (v. 48,13). Pois, será “desde Sião (מִצִּיּוֹן)” que “Deus resplandecerá (אֱלֹהִים הוֹפִיעַ)” (Sl 50,2). Haja vista que ele é “Deus em Sião⁸ (אֱלֹהִים בְּצִיּוֹן)” (Sl 65,2; 146,10) e estando nela – “em Sião (בְּצִיּוֹן)”, o “SENHOR (יהוה)” exercerá sua “grandeza (גְּדוֹלָה)” (Sl 99,2).

Do contrário, “quem em Sião (מִי מִצִּיּוֹן)” (Sl 14,7; 53,7) poderá oferecer salvação a “Israel (יִשְׂרָאֵל)” fazendo-lhe o “bem” (Sl 51,20)? Somente o Senhor. De um lado, este último, “abençoa desde Sião (בְּרַךְ מִצִּיּוֹן)” (Sl 128,5; 134,3), fazendo-lhe o “bem” (Sl 51,20), e sentindo “compaixão (רַחֵם)” (Sl 102,14) dela. E de outro, ao responder ao aflito no “dia da aflição (צָרָה יוֹם)” (Sl 20,2) dele. Dito de outro modo, o Senhor a protege, ao enviar do seu “santuário

⁸Este Salmo foi compreendido charmosamente, em um estudo literário publicado. Cf.: GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. *A bondade de Deus no templo e na natureza: uma leitura verde do salmo 65*. Encontros Teológicos, Florianópolis, v. 38, n. 1, p. 171-196, jan.-abr. 2023.

(מִקְדָּשׁ)”, “auxílio (עֲזָרָה)” e “fortaleza (מְצֻדָּה)” (Sl 20,3) para o aflito. É neste sentido que o Senhor, “Deus dos deuses (אֱלֹהֵי-אֱלֹהִים)” (Sl 84,8) pode ser visto “em Sião (בְּצִיּוֹן)” (Sl 84,8). Tais iniciativas, chamadas por teofanias, ocorrem sempre “desde Sião (וּמִצִּיּוֹן)” (Sl 20,3). Uma vez que, aí “Deus salvou Sião (יְשַׁעַע יְיָ צִיּוֹן)” (Sl 69,36), preferindo-a entre outras nações.

Se porventura, Sião “escutar (שָׁמְעָה)” (Sl 97,8) o Senhor – certamente – se “alegrará (שִׂמְחָה)” (Sl 97,8) e “regozijará (יִגִּילֶנָה)” com “o seu rei (בְּמֶלֶכָּהּ)” (Sl 149,2). A razão da escuta nasce da necessidade de viver em comunidade o que está prescrito nos “decretos (מִשְׁפָּטִים)” (Sl 97,8). Ao segui-los, “Sião (צִיּוֹן)” proclamará o “nome do SENHOR (שֵׁם יְהוָה)” e o louvará “em Jerusalém (בִּירוּשָׁלַיִם)” (Sl 102,22; 147,12). Porquanto o efeito do louvor nasce do “cântico de Sião (צִיּוֹן מְשִׁירָה)” (Sl 137,3) capaz de trazer em si memória de libertação. Cantar é uma atitude reservada aos livres. Entretanto, há aqueles que “odeiam Sião (שֹׂנְאֵי צִיּוֹן)” (Sl 129,5) mas, sobre estes, há uma promessa clara e objetiva na literatura em questão: que “se envergonhem e se distanciem para trás” (Sl 129,5). Em contrapartida, existem os que “se lembram de Sião (זָכַר אֶת-צִיּוֹן:)” (Sl 137,1). Neste caso, o cultivo de tais memórias é sobremaneira profundo, a ponto de causar marcas capazes de fazê-los “sentar (יָשָׁב)” e “chorar (בָּכָה)” (Sl 137,1), típico comportamento do ser humano que se sente longe de casa e mantém acerca dela, lembranças⁹.

Em suma, qual é a relação entre o ato de “confiar no Senhor” (v. 1b) e ser comparado ao “monte Sião” (v. 1b)? O poema lírico de Sl 125 responde com precisão: ambos possuem a mesma envergadura — sólida, duradoura — graças à presença do advérbio de tempo “para sempre (לְעוֹלָם)” (v. 1b–2b), reforçado por uma preposição que o ancora no tempo e na permanência.

Ou seja, os que confiam no Senhor participam, junto a Ele, de uma condição de estabilidade e segurança. Assim como o “monte Sião”, que permanece firme e envolve Jerusalém como um escudo natural, também o fiel é envolto e guardado, experimentando essa mesma solidez inabalável.

No entanto, surge uma inquietação: se o orante e a cidade desfrutam dessa estabilidade, o “cetro (שֵׁבֶט)” (v. 3a) do perverso não seria, ainda assim, uma ameaça real? A presença do mal — que

⁹ O estudo intitulado *Lembranças de Casa: Um Estudo Literário e Bíblico do Salmo 137*, a ser publicado na Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral (no prelo), de autoria de SANTOS DANTAS, J. A. (2024), propõe uma análise detalhada do Salmo 137. Este salmo aborda a saudade experimentada durante o exílio babilônico e oferece uma reflexão relevante para o interlocutor contemporâneo. O estudo visa demonstrar como uma leitura atenta pode revelar a profundidade da poética bíblica e contribuir para a compreensão de questões atuais que possam surgir para os leitores.

insiste em impor sua força — poderia, porventura, comprometer essa segurança? O texto parece provocar essa tensão, instigando o leitor a refletir se a confiança no Senhor é suficiente para resistir ao peso do mal que insiste em permanecer.

Cetro¹⁰

À medida que o poema presente em Sl 125 avança, o ouvinte/leitor percebe o contraste entre o justo e o ímpio. Estes são lembrados, respectivamente, como representantes do bem e do mal. De um lado, a imagem poética, acomodada no afresco das letras sagradas, dilata o eu do interlocutor atento, ao dizer: “o SENHOR envolve o seu povo desde agora e para sempre” (v. 2b). Imagina-se, com isso, o caráter paterno e providencial do Senhor, Deus de Israel. De outro, percebendo a astúcia e a iminência do mal, imediatamente lembra-se do Terceiro Isaías: “o justo perece e ninguém reflete no seu coração; homens fiéis são ceifados, e não há quem perceba! Diante da maldade, o justo é eliminado” (Is 57,1). Precisar situações históricas, a fim de buscar saídas hermenêuticas, talvez não seja o melhor caminho. Fato é: quem é justo não deverá se preocupar com o peso do “cetro do ímpio (הַרְשֵׁעַ שֶׁבֶט)” (v. 3a). Mas o que os cento e cinquenta Salmos, tematicamente, descrevem sobre o “cetro (שֶׁבֶט)”?

Cantado por treze vezes, o “cetro (שֶׁבֶט)” (v. 3a) – na condição de um substantivo masculino singular, no caso do construto – ora é pensado como o instrumento feito “de ferro (בַּרְזֵל)” (Sl 2,9), cujo formato se assemelha a uma “vara (שֶׁבֶט)” (Sl 89,33), por meio do qual o rei, escolhido em nome, e por causa do “Senhor”, Deus de Israel (Sl 2,2), “despedaça (רָעַע)” (Sl 2,9) outros povos, na medida em que insistem em não temer ao Senhor. Ora, traz conotações de apoio, segurança e proteção, cultivando a certeza de que o Senhor está junto ao orante. E, nesse sentido, o “cetro” funciona como “bastão dele (שֶׁבֶט־הוּא)” (Sl 23,4). Ora, enfim, “Deus (אֱלֹהִים)” (Sl 45,7), cujo “trono (כִּסֵּא)” (Sl 45,7) é eterno e/ou para sempre, é cantado como aquele que também possui um “cetro (שֶׁבֶט)”, definido e predicamentado como “cetro de retidão (מִישֵׁר)

10

“Cetro (שֶׁבֶט)”, em princípio, refere-se a partes de uma árvore, com a qual se podia fazer um bastão ou uma arma. Líderes juntamente com seus seguidores ao usarem essa arma, ficaram conhecidos como “cetro (שֶׁבֶט)”. No Antigo Testamento aparece no Pentateuco e nos livros Históricos, significando “tribo” e/ou “bastão” de comando. Já nos livros Poéticos é descrita como “vara” de disciplina, usada por alguém numa posição de autoridade. E por fim, nos livros Proféticos, essa “vara” disciplinar pertence a Deus, e será usada pelo Emanuel. Podendo também simbolizar o poder do governo de outros reinos. Cf.: FOUTS, David M. *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. Verbetes lexicais (ש a ת). v. 4, p. 27-29 (8657 שֶׁבֶט). Organizado por Willen A. VanGemeren, PhD.

שֵׁבֶט) (Sl 45,7). Todavia, dentre os Salmos, há espaços literários que imaginam o “cetro” enquanto “tribo”, ver-se descrito, por exemplo, em (Sl 42,2; 78,55.67.68; 105,37; 122,4^(2x))¹¹. Enfim, quando, em (Sl 125,3a), afirma-se: “porque não pesará o cetro do ímpio sobre o quinhão dos justos”, o “cetro”, no sentido de “vara”, pode significar uma “metonímia” tanto de “sujeito” quanto de “adjunto” (ROSS, 2016). Uma espécie de comparação implícita, cuja temática tranquiliza o justo, na medida em que o adverte: o governo pode ser ímpio, o administrador pode ser um tirano, mas a tirania destes últimos não se sobreporá à fidelidade de quem guarda “seus corações (פְּלִבוֹתָם)” (v. 4b) junto ao Senhor. Dito de outro modo: ainda que o poder seja mal e, portanto, detenha em si o comando do cetro, este jamais será capaz de convencer os “justos (הַצְּדִיקִים)” (v. 3a) a praticarem a maldade. Resta saber se a dobradinha poética presente em (v. 4a-b) – colorida com tintas vivas e perfilada pelo suor de um povo peregrino,romeiro e caminhante – “faze o bem, SENHOR, aos bons e aos retos em seus corações”, trata-se apenas de uma prece de confiança feita por parte de um coletivo que sofre ou de uma tentativa de resgatar a velha teologia da retribuição. Quiçá, uma vez entrando neste verso, o interlocutor descubra um possível e mais aproximado significado dele, junto a Sl 125.

Coração¹²

O cântico lírico-poético, em Sl 125, caminha para o seu clímax. Usa um imperativo confiante, cujo enunciado articula-se do seguinte modo: “faze o bem, SENHOR, aos bons” (v. 4a). E completa: “e aos retos em seus corações” (v. 4b). Ora, quem é “reto (יָשָׁר)” (v. 4b) sabe sobre a arma que possui em si; trata-se da largura do “coração (לֵב)” (v. 4b). Em contrapartida, quem insiste no mal, receberá, ao que parece, “trilhas tortuosas (עֲקָלְקָלוֹתָם)” (v. 5a) e, portanto, será considerado pelo Senhor como “malfeitores (הַמְּאָוֵן)” (v. 5b). Diversas vezes a palavra “coração

¹¹Seja visto brevemente a sabedoria existente nestes poemas líricos: Em (Sl 74,2) canta “a tribo de tua herança (שֵׁבֶט גְּדוּלָתְךָ)”; em (Sl 78,67) canta “a tribo de Efraim (שֵׁבֶט אֶפְרַיִם)”; em (Sl 78,68) canta “a tribo de Judá (שֵׁבֶט יהודה)”; em (Sl 78,55) canta “as tribos de Israel (שֵׁבֶט יִשְׂרָאֵל)”; em (Sl 122,4) canta as “tribos do SENHOR (שֵׁבֶט יהוה)”; em (Sl 105,7.37) canta “as tribos do SENHOR, nosso Deus (שֵׁבֶט יהוה אֱלֹהֵינוּ)”. Quer dizer: há nos poemas em questão, orantes que poderiam ser chamados como fazedores de Sabedoria. Os textos quando observados, ganham estilo e qualidade temática e catequética.

¹²“Coração (לֵב)” é a palavra mais importante para a gramática da antropologia veterotestamentária. Em geral, aponta quase sempre para o ser humano. Ora é descrito como o órgão central que possibilitava a mobilidade dos membros, ora ele era procurado no interior do corpo, isto é, na “envoltura dele” – armação das costelas – Jeremias, o que parece, deu o primeiro passo rumo a anatomia desse órgão, quando descreveu acerca das “paredes do coração (קִירוֹת לֵב) (Jr 4,19). E o poema lírico presente em Sl 38,10 avançou ao cantar: “meu coração palpitou (קִרְרָה לֵבִי)”. Portanto, o “coração (לֵב)” sempre é conhecido como um órgão inacessível, oculto no interior do corpo. Isso explica as razões que levou este vocábulo a ganhar densidade no mundo vocabular figurado. Cf.: WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 79-107.

(לֵב)” é descrita na cultura hebraica como algo capaz de representar a “vontade” ou a capacidade mais íntima de fazer “escolhas”. Em geral, é apresentada como uma “metonímia de causa” ou de “complemento” (ROSS, 2016). Em toda a Bíblia Hebraica – com exceção do livro dos Salmos – essa palavra aparece aproximadamente quinhentas e noventa e nove vezes¹³.

Porventura, uma palavra de uso vastíssimo não teria muito a dizer e/ou a ensinar aos interlocutores? Sim. Tematicamente, seja analisado, portanto, o que o “coração (לֵב)” com suas variações gramaticais, nos cento e cinquenta Salmos descreve em suas cento e duas ocorrências. Líricamente, o orante poetiza o Senhor, Deus de Israel, como aquele que: dá “alegria ao coração (שְׂמֵחָה בְּלֵבִי)” (Sl 4,8; 19,9), “examina corações e rins (לְבוֹת וּכְלָיוֹת וּבִחֵן)” (Sl 7,10; 17,3), salva os de “reto coração (יִשְׂרָיִלֵב)” (Sl 7,11; 32,11; 94,15; 97,11), firma o “coração (לֵב)”, no caso “dos oprimidos (עֲנֻוִים)” (Sl 10,17), “depura o coração (לֵב צָרוּפָה)” (Sl 26,2), tem “pensamentos no coração (לֵב מְחַשְׁבוֹת)” (Sl 33,11), “forma o coração (לֵב יֵצֵר)” (Sl 33,15), estende a “justiça (צְדָקָה)” dele aos que são “retos de coração (לֵב יִשְׂרָיִלֵב)” (Sl 36,11), concede “desejos (מִשְׁאֵלָה)” ao “coração (לֵב)” (Sl 37,4), “conhece os segredos do coração (לֵב תַּעֲלֹמוֹת יִדְעַ)” (Sl 44,22), “dilatás o coração (לֵבִי תַרְחִיב)” (Sl 119,32) e “inclinas o coração (הִטֵּל־לֵבִי)” (Sl 119,36; 141,4).

De um lado, há “corações alegres (שְׂמֵחַ לְבוֹתָם)” (Sl 33,21; 105,3; 119,111), isto é, os que buscam ao Senhor “de todo o coração (בְּכָל־לֵב)” (Sl 119,2.10.34.58.69.145; 138,1), cujos efeitos trarão dimensões positivas. O resultado dessa parceria e proximidade faz o orante procurar a “face

13

E
i
s

a
s

p
r
e
s
e
n
ç
a
s

da palavra “coração (לֵב)” e/ou “corações (בְּלֵבוֹתָם)” na Bíblia Hebraica. Mantendo-se, como já informado, a exceção do livro dos Salmos: (Gn 6,5.6; 8,21^(2x); 17,17; 18,5; 24,45; 27,41; 31,20; 34,3; 42,28; 45,26; 50,21; Ex 4,14.21; 7,3.13.14.22.23; 8,11.15.28; 9,7.12.14.21.34.35; 10,1^(2x).20.27; 11,10; 14,4.8.17; 15,8; 25,2; 28,3.29.30^(2x); 31,6^(2x); 35,5.10.21.22.25.26.29.34.34; 36,1.2^(3x).8; Nm 16,28; 24,13; 32,7.9; Dt 4,11; 28,65; 29,3.18; Js 11,20; 14,8; Jz 5,9.15.16; 9,3; 16,15.16.17.18^(2x).25; 18,20; 19,3.5.6.22; Rt 2,13; 3,7; 1Sm 1,13; 2,1; 4,13.20; 6,6; 9,20; 10,9.26; 17,32; 24,6; 25,3.25.31.36.37; 27,1; 28,5; 2Sm 6,16; 7,21.27; 13,20.28.33; 14,1; 15,6.13; 17,10^(2x); 18,3^(2x).14^(2x); 19,8.20; 24,10; 1Rs 3,9.12; 5,9; 8,23.47.66; 9,3; 10,24; 11,3; 12,26.27.33; 18,37; 21,7; 2Rs 5,26; 6,11; 9,24; 12,5; 14,10; 23,3; 1Cr 12,34^(2x).39; 15,29; 16,10; 17,19; 28,9; 29,9; 2Cr 6,14.38; 7,10.11.16; 9,23; 12,14; 17,6; 24,4; 25,19; 26,16; 29,31; 30,12.22; 32,25.26; Esd 6,22; 7,27; Ne 2,2.12; 3,38; 5,7; 6,8; 7,5; Est 1,10; 5,9; 6,6; 7,5; Jó 1,8; 2,3; 7,17; 8,10; 11,13; 12,24; 15,12; 17,4; 23,16; 29,13; 31,7.9.27; 33,3;

dele (אַת־פְּנִיָּה) (Sl 27,8). Oxalá, quem são estes? Trata-se dos que possuem: “corações conquistados (לָבַב) (Sl 4,5; 9,2), “agradecidos (יִדָּה) (Sl 9,2), “felizes (שְׂמֵחַ) (Sl 16,9), “sussurrados (הִקְיִינוּת) (Sl 19,15; 49,4), “amolecidos – como a cera – (כְּדֹנָג) (Sl 22,15), “puros (טָהוֹר) (Sl 51,12), “fortalecidos (אַמְצָה) (Sl 27,14), “confiantes (בְּטֵחָה) (Sl 28,7), “exultantes (עֵלִיז) (Sl 28,7), “jubilosos (רִנָּן) (Sl 84,3), “frêmitos (נִהְמָה) (Sl 38,9), “palpitantes (סִחָר) (Sl 38,11), “aquecidos (חָמֵם) (Sl 39,4), “justificados (וַיִּצְדָּקָה) (Sl 40,11), “excitados (רָחֵשׁ) (Sl 45,2), “firmes (כּוֹן) (Sl 57,8(2x); 108,2; 112,7(2x)), “visados (רָאָה) (Sl 66,18), “inclinados (נִטָּה) (Sl 119,112), “pavorosos (פָּחַד) (Sl 119,161) e “sem arrogância (לֹא־גִבּוֹהַ) (Sl 131,1), com vistas sempre ao Senhor e/ou as prescrições dele. Entretanto, diversas vezes, sentem-se o “coração (לֵב) “desfalecido (עֲזָב) (Sl 40,13; 61,3) e/ou “estremecido (חִיל) (Sl 55,5), no sentido de abandonado ou esquecido. Tais predicamentos só podem ser encontrados em quem possui um “reto coração (לֵישׁוּר־לֵב) (Sl 11,2; 64,11). Ainda que se sintam “quebrantados (שָׁבַר) (Sl 34,19; 51,19; 69,21; 147,3), “acampados (מִתְקַנֶּה)”, encurralados e/ou “sitiados” (Sl 27,3), no sentido de “transpassados (חָלַל) (Sl 109,22), eles dizem, como que a uma só voz: “nosso coração não voltou atrás (אַחֲזֹר לֹא־נָסוּג לִבִּנוּ) (Sl 44,19), por isso, não temem o perigo. Afinal de contas, confiam na “lealdade (חֶסֶד) do Senhor e, por isso, se “regozijam (גִּיל) com a “salvação (יְשׁוּעָה) (Sl 13,6) provinda de Deus. Eis, uma típica fotografia de quem na vida resolveu preservar a promessa de Deus “no coração (בְּלִבִּי) (Sl 119,11).

De outro lado, há “corações insensatos (לִבּוֹתֵם נִבָּל) (Sl 53,2), trata-se do “coração deles (לִבָּם) (Sl 119,70), sim, dos que “planejam males (רַעוּת תְּשׁוּבָה) (Sl 140,3). Porquanto tenham se distanciado do Senhor, colherão dimensões negativas. Em geral, os que o possuem dizem em si mesmos: “não vacilarei (בִּלְאִמּוֹט) (Sl 10,6) e/ou “Deus se esqueceu (אֵל שָׁכַח אֵל) (Sl 10,11), chegando, inclusive, a professar: “não há Deus (אֵלֵהִים אֵין) (Sl 14,1). Neste caso, os poemas lembram-se dos “perversos” (Sl 10,13), dados à prática de “iniquidades no coração (עוֹלָת אֶרֶץ) (בְּלֵב) (Sl 58,3). São possuidores de uma “boca (פֶּה) cheia de “maldição”, “embuste” e “fraude” e de “uma língua (לְשׁוֹן) mantenedora de “vã fadiga” e “desgraça” (Sl 10,7), falam sempre com o “coração duplo (וְלֵב בְּלֵב) (Sl 12,3), repleto de “falsidade (שֶׁשׁוֹא) (Sl 41,7). E cultivam “a peleja em seu coração (וַיִּקְרַב־לִבּוֹ) (Sl 55,22). O desejo destes consiste em “dizer no coração (אָמַר) (בְּלִבָּם)”: nós “devoraremos” o justo (Sl 35,25)! São filhos de uma “geração (דוֹר) que não “firmou o coração (לֹא־הִכִּין לִבּוֹ) (Sl 78,8; 78,37) em Deus. Embora fossem “unânimes de coração (לֵב נִוְעָצִי) (Sl 83,6) para contra-atacar os planos divinos.

Além disso, o “rei (מֶלֶךְ)” é lembrado como alguém que tem “coração (לֵב)” (Sl 21,3); semelhantemente, ocorre com o “justo (צַדִּיק)” (Sl 37,15), cuja “lei de Deus (תּוֹרַת אֱלֹהִים)” encontra-se no “coração (לֵב)” (Sl 37,31) dele, com o “íntegro (תָּמִים)” (Sl 119,80) e com o “ressecado (יבֵשׁ)” (Sl 102,5), significando também, “ferido”. Mais ainda, o “ímpio (לְרָשָׁע)” (Sl 36,2), os “inimigos (אֹיְבֵי)” (Sl 74,8), “os inimigos do rei (הַמְּלִיךְ אֹיְבֵי)” (Sl 45,6), o “morto (כַּמֵּת)” (Sl 31,13), o “acabado (יִשְׁתַּמֵּם)” (Sl 143,4), significando o auto desfalecimento, também possuem um coração. E não somente os poemas lembram-se “dos mares (יַמִּים)” (Sl 46,3), da “muralla (חֵיל)” pertencente a “Sião (צִיּוֹן)” (Sl 48,14), das “riquezas (מַעֲשֵׂר)” (Sl 62,11), do “profundo de cada homem (עֲמֻקַּי אִישׁ)” (Sl 64,7), “dos poderosos (אֲבִירֵי)” (Sl 76,6), “dos teimosos (תְּשַׁרְרֹת)” (Sl 81,13), “dos odiosos (שֹׂנְאִים)” (Sl 105,25) e “dos fadigosos (עֲמָלִים)” (Sl 107,12).

Portanto, o apelo moral que subjaz em (v. 4a-b) leva o interlocutor atento a concluir: aos bons, o Senhor, de fato, fará o bem. Entretanto, sobre os maus conhecidos como “idólatras”¹⁴ e/ou “incrédulos”¹⁵ recairá os efeitos latentes provindos por parte do Senhor. Haja vista que eles não usam a memória do “coração (לֵב)”. Por isso escolhem mal e tornam-se reféns de suas “trilhas tortuosas” (v. 5a). Ficando a “paz (שְׁלוֹם)” (v. 5c) temporariamente – dom e benção – para “Israel (יִשְׂרָאֵל)” (v. 5c).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após informar a titulação (v. 1a) ao ouvinte/leitor, o orante, em Sl 125, move-se com destino à primeira parte do poema em questão (vv. 1b-2b). A literatura desses dois versos constitui, ao que parece, uma pequena estrutura concêntrica¹⁶. Tal esquema é plenamente decifrado, na medida em que o interlocutor percebe o “SENHOR (יְהוָה)” nos versos (vv. 1b-2b) como aquele que abre e fecha o horizonte temático, dando-lhe unidade e profundidade. Ao lado desse vocábulo central, tem-se ainda a expressão adverbial: “para sempre (לְעוֹלָם)”, presente em (vv.

¹⁴ Assim classificou Ravasi, ver obra [RAVASI, G.](#) *Il libro dei salmi – commento e attualizzazione - vol. 3: salmi 101-150*. Italiano Editora: Dehoniana libri. 2011, p.654.

¹⁵ Alen Ross, por sua vez, os nomeou desse modo, cf.: ROSS, Allen P. *A commentary on The Psalms – vol. 3 (90-150)*. Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505.2016, p. 632.

¹⁶ O estudo: LEOW, Wen Pin. Trust Under Siege: Psalm 125 as Theological Reflection. In: QUEK, Tze-Ming; KWA, Kiem-Kiok; LEOW, Wen Pin (Ed.). *Offering the Light: Essays in Honour of Philip E. Satterthwaite on the Occasion of His Retirement*. Singapore: Biblical Graduate School of Theology, 2022. Cap. 2, apresenta uma classificação similar.

1c-2b), que reforça a ideia de constância, sendo descrita também por duas vezes, um recurso que enfatiza a imutabilidade divina.

Em seguida, o poema avança para a segunda parte (vv. 3a-b), onde surge um paralelo relevante na temática. A relação entre o “cetro do ímpio (הַרְשֵׁעַ שֶׁבֶט)” e os “justos (הַצְדִּיקִים)” (v. 3a) é explorada, assim como a dinâmica entre os “justos (הַצְדִּיקִים)” (v. 3a) e a “iniquidade (בְּעִוְלָתָהּ)” (v. 3b), que caracteriza a ação daqueles que praticam o mal. A transição para os versos seguintes (vv. 4a-5b) introduz a terceira parte do cântico, sustentada por um paralelismo que se solidifica pela presença dupla do tetragrama sagrado “SENHOR (יהוה)”. O uso desse nome divino revela um comportamento distinto, dado que o Senhor age de maneira diferenciada com os bons e os maus, conforme o contexto estabelecido no poema.

Em suma, o clímax do cântico lírico se dá em (v. 5v), quando o pedido e o recebimento se entrelaçam de forma simbólica, formando um testamento literário profundo. A “paz (שָׁלוֹם)” de Deus, ainda que transitória, recairá sobre “Israel (יִשְׂרָאֵל)”, encerrando o poema com uma nota de esperança e promessa divina.

Um reflexo espiritual da experiência de fé expressa em Sl 125 pode ser percebido na Basílica Nossa Senhora do Carmo¹⁷, em Campinas (SP). Ali, como em Sião, o povo encontra refúgio e renovação da confiança em Deus. A oração que sobe daquele santuário está entrelaçada com a espiritualidade dos que confiam no Senhor e esperam sua justiça, mesmo em tempos de incerteza. Tal como o Salmo afirma que “os que confiam no SENHOR são como o monte Sião” (v. 1b), assim também os fiéis que ali se reúnem, sustentados pela tradição mariana,

¹⁷ O estudo do Salmo 125 é parte de um projeto hermenêutico em desenvolvimento. A proposta consiste em analisar, de forma gradual, todos os Salmos pertencentes à família dos hinos de Peregrinação, adotando uma abordagem bíblica, teológica e literária. Além disso, cada Salmo será associado a um Santuário brasileiro, criando uma ponte entre as Escrituras e a espiritualidade popular. Assim, se existem quinze hinos das Subidas, serão selecionados também quinze Santuários, representando todas as regiões da Terra de Santa Cruz. A intenção desse projeto é que o leitor perceba a conexão entre a fé bíblica e a fé popular, ressaltando que não há dicotomia entre ambas. Elas estão profundamente entrelaçadas: uma nasce da outra, e ambas devem dialogar para exaltar o Nome do Senhor, Deus de Israel. Esse diálogo encontra seu ápice na Pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Um exemplo desse vínculo entre fé e cultura encontra-se na Basílica Nossa Senhora do Carmo <https://arquiocesecampinas.com/location/parouquia-nossa-senhora-do-carmo-basilica/>, em Campinas (SP). Neste santuário mariano, milhares de fiéis expressam sua devoção com gestos simples e profundos, alimentando uma espiritualidade que brota do cotidiano e se eleva em oração confiante. Tal como os que “confiam no Senhor” no Salmo 125, também ali os peregrinos encontram consolo, esperança e firmeza, reafirmando que a fé do povo continua sendo solo fecundo onde Deus realiza sua obra. A Basílica torna-se, assim, expressão viva da confiança que não vacila — uma confiança que permanece para sempre.

experimentam a proteção divina que envolve, fortalece e conduz. O santuário campineiro, como o Salmo, proclama que o mal não tem a palavra final (v. 3), e que a paz é promessa possível para os que mantêm um coração reto (v. 4b), firmado no Senhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA. Edição atualizada. São Paulo: Paulinas, 2024.
- BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian. *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2011.
- BORTOLINI, Padre José. *Conhecer e rezar os Salmos: Comentário popular para nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2000.
- FOUTS, David M. *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. Verbetes lexicais (שׁ a ה). v. 4, p. 27-29 (8657 שׁכָּט). Organizado por Willen A. VanGemeren, PhD.
- GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. *A bondade de Deus no templo e na natureza: uma leitura verde do salmo 65*. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 38, n. 1, jan.-abr. 2023.
- LEOW, Wen Pin. Trust Under Siege: Psalm 125 as Theological Reflection. In: QUEK, Tze-Ming; KWA, Kiem-Kiok; LEOW, Wen Pin (Ed.). *Offering the Light: Essays in Honour of Philip E. Satterthwaite on the Occasion of His Retirement*. Singapore: Biblical Graduate School of Theology, 2022. Cap. 2.
- RAVASI, G. *Il libro dei salmi: Commento e attualizzazione – vol. 3: salmi 101-150*. Bologna: Dehoniana Libri, 2011.
- ROSS, Allen P. *A Commentary on The Psalms – vol. 3 (90-150)*. Grand Rapids, MI: Kregel Academic, 2016.
- SANTOS DANTAS, J. A. *Lembranças de casa: Um estudo literário e bíblico de Salmo 137*. *Revista Pistis & Práxis: Teologia e Pastoral*. No prelo, 2024.
- SANTOS DANTAS, J. A. *Nos montes está o Senhor! Um estudo Bíblico-Teológico de Sl 121*. *Revista Unitalo em Pesquisa*. No prelo, 2024.
- SANTOS DANTAS, J. A. *No limiar da esperança! Um estudo bíblico de Sl 130*. *Revista Encontros Teológicos*, v. 39, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.46525/ret.v39i1.1864>.

- SCHÖKEL, L. A.; CARNITI, C. *Salmos II – (Salmos 75 a 150)*. 2. ed. Coleção: Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 2021.
- SEYBOLD, Klaus. *Poetica dei Salmi: Studi poetologici sull'Antico Testamento*. Vol. I. Torino: Claudiana, 2007.
- SKA, Jean-Louis. *O canteiro do Pentateuco*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- STADELMANN, Luís I. J. *Os Salmos da Bíblia*. São Paulo: Loyola & Paulinas, 2015.
- WEISER, Artur. *Os Salmos*. Trad. para o português. São Paulo: Paulus, 1997.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Trad. [nome do tradutor, se aplicável]. São Paulo: Hagnos, 2008.